

XIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação

Tema geral: *Educação, Tecnologia e a Escola do Futuro*

Centro de Convenções de Pernambuco

Recife, 23 a 25 de setembro de 2015

EDUCAR PARA UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Ementa da palestra de abertura

Moacir Gadotti

A questão da escola do futuro está ligada à definição do que queremos para o nosso futuro e qual é o nosso papel na sua construção. O futuro é possibilidade e não determinação. Por isso, precisamos nos perguntar sobre o futuro que queremos e qual é a educação de que precisamos para construí-lo.

Parto do princípio de que todos nós desejamos ser felizes e esperamos viver num mundo justo, produtivo e sustentável.

A sustentabilidade é, para nós, o sonho de bem viver, é equilíbrio dinâmico com os outros e com o meio ambiente. É harmonia entre diferentes. Ela se opõe a tudo o que é insustentável: intolerância, ódio, ganância, dominação política e exploração econômica. Insustentável é a fome, a miséria, a violência, a guerra, o analfabetismo.

Nesse sentido, educar para esse mundo desejável é educar para uma vida sustentável, o que implica princípios e valores, tais como: cuidado, ternura, simplicidade voluntária, escuta, austeridade, quietude, serenidade. As escolas têm um grande potencial mobilizador ainda não utilizado o suficiente na construção deste outro mundo possível.

O que queremos para a escola do futuro?

O último sonho de Paulo Freire foi a “escola cidadã”. Dizia ele: “não há ensino e aprendizagem fora da boniteza, da alegria e da procura”. Mas, para isso, o professor deve ser um problematizador do futuro e não apenas um facilitador do presente. Ele defendia a rigorosidade metódica e a rigorosidade ética nas escolas e a substituição de relações mercantis por novas relações sociais e humanas amorosas.

Paulo Freire nos ensinou a “boniteza” de ser gente e a boniteza da escola. A realidade, contudo, está bem distante do sonho. Pesam sobremaneira as condições concretas no exercício dessa profissão de educar. E aí entra o papel do professor: construir sentido, transformar o obrigatório em prazeroso, selecionar criticamente o que devemos aprender, numa era de impregnação de informações. Torna-se fundamental aprender a pensar autonomamente, saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, aprender a trabalhar colaborativamente, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o próprio trabalho, ter disciplina, ser sujeito da construção do conhecimento, estar aberto a novas aprendizagens, conhecer as fontes de informação, saber articular o conhecimento científico com o saber sensível, o saber técnico e o saber popular.

O que o professor precisa saber para ensinar?

O professor precisa saber muitas coisas para ensinar. Mas, o mais importante não é o que é preciso saber para ensinar, mas, como devemos ser para ensinar. O aluno quer saber, mas nem sempre quer aprender o que lhes é ensinado. O aluno precisa ser autor, ser rebelde, criador. A função da escola não é instruir. É descobrir. A escola precisa ser ousada, corajosa, formar para a autonomia, para o sonho e para a liberdade.

Como a tecnologia na educação pode nos ajudar a formar este educador?

Ser professor no século XXI é muito desafiador. Temos que nos reinventar diante das múltiplas metamorfoses provocadas pelo advento das novas TICs e do mundo digital. Entramos na era da aprendizagem móvel, dos celulares, tablets etc. Numa sociedade de redes e de movimentos, diante da velocidade com que a informação obsolesce, o papel do professor está mudando de lecionador para organizador da aprendizagem.

O uso da tecnologia na escola depende de uma formação geral, política, científica e tecnológica na perspectiva da educação emancipadora. É preciso saber de que educação estamos falando. Numa perspectiva emancipatória importa que a práxis educativa construa sujeitos autônomos, pensantes, capazes de autogovernar-se e de governar, por todos os meios disponíveis hoje.

Mudar o mundo é difícil. Existem muitas injustiças. Todavia, devemos tentar. Se não tentarmos, nós não nos mostraremos propriamente humanos.

Assim, penso que, educar para outro mundo possível, é educar para visibilizar o que foi escondido para oprimir. A luta feminista, o movimento GLBT, o movimento ecológico, o movimento zapatista, pelos direitos humanos, o movimento dos sem terra e outros tantos, fizeram isso, tornando visível o que estava invisibilizado por séculos de opressão.

Educar para outro mundo possível é educar para conscientizar, para desalienar, para desfetichizar. Educar para outro mundo possível é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. É também educar para a ruptura, para a rebeldia, para a recusa, para dizer “não”, para “gritar”, para sonhar com

“outros mundos possíveis”, já que, diante da diversidade humana não pode haver apenas um modo justo, produtivo e sustentável de viver.